

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 6.

SABBADO 12 DE MAIO.

1860.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

(Continuado de p. 34.)

*

Quereis ver, meus caros meninos, como eu advinho a causa dessa avidez com que olhaes agora todos para mim? Com que vos mostraes anciosos por ouvirdes ler já o conteúdo destas folhas? E não sabeis mesmo, que eu já comprehendí a significação desse sorrisozinho, que transluz de vossos labios infantis?

Sem ser bruxo ou nigromante eu comprehendo esse vosso sorriso, e comprehendo esses olhares de avidez; e nem se necessita estar iniciado na sciencia magica, ou ter o dom de advinhação, para ler o que se passa agora em vós; para traduzir a vossa impaciencia, e penetrar no vosso pensamento. Essa muda linguagem que fallaes agora, é para mim bem expressiva, eu a comprehendo bellamente; e a vós mesmos, devi eu, ha tres sabbados passados, a razão de vos comprehender agora.

O interesse com que então me ouvistes, e aquellas risadinhas são a origem do aihan de hoje, são a causa desse ar alegre com que agora para mim olhaes; e quaes crianças em volta ao tableiro, em que a mamãe comprando está alva cocada, com os dentes já em movimento, esperam anciosos que lhes dê a sua, com que regalem o paladar: assim vos vejo aqui, em vez da bocca, com os ouvidos, preparados, esperando com ancia ouvir alguma cousa que vos deleite o espirito. Contaes que eu continue hoje a contar-vos novas travessuras do celeberrimo Simão, que bem conhecido vos é já; e a custa de quem, boas gargalhadas vos fez largar a primeira narração de suas esturdices. Acertei ou não?

E o Capêta? E o Capêta?... Estou ouvindo, essa ancia vossa indagar de ha muito. Socegae, tereis Capêta; eil-o ali com-vosco já; ouviu-o, e si vos der no gôto as suas novas travessuras, ride, ride mesmo a bandeiras despregadas:

Que Simão é cambeta, vós bem sabeis; mas agora dir-vos-hei o como veio elle a aleijar-se daquella perna, que ha poucos annos era igual a outra.

Tinha elle por costume andar trepando em quanta arvore podia, além de buscar ninhos para os ovos, ou filhinhos tirar dos innocentes passarinhos, que no chôco ou criando estivessem. E para que, quereis saber, fazia elle esta perversidade, de furtar ás pobres avesinhas os germens da sua cara prole? Somente para fazer delles peteca; este malvado privava assim estas criaturinhas daquelle prazer que sentem todos de se verem reproduzidos; fazendo-as soffrer intensas maguas, com a perca dos seus pequeninhos; o que bem se percebia dos seus tristes lamentos, e do desassocego com que saltavam de galho em galho, como em busca do roubado ninho.

As aves, meus meninos, como toda a vivente criatura, tambem sentem, cada uma, segundo sua natureza, o prazer e a dor; e todas teem direito á nossa piedade. E' malvadesa fazer mal, mesmo ao ente mais insignificante; o matar um humilde insecto, que mal não faça, como a animal de maior vulto, tudo é matar; tudo é privar da vida, ao que nella se comprazia. A propria formiga que pisaes, não terá acaso direito de queixar-se, como o tendes si fera bravia vos morde ou vos couceca? Creio que sim. E', pois, brutalidade, até mesmo o maltratar as pobres bestas; e é iniquo, é malvado quem se compraz, quem se recreia com os males dos outros, quem gosta de fazer mal.

Mas vamos ao caso. Não escapava ao tal Capêta, ninho que acaso lobrigasse; e um bom dia, em que sem dâvida o castigo devia receber da sua iniquidade com os bichinhos: avista elle debaixo um lindo ninho, que um galho de alta arvore sustentava; e mais contente do que nunca, abraça o Capêta o grosso tronco; e qual gato montez, trépa ligeiro aos ramos lá de cima. Eil-o proximo ao ninho, que sobranceiro lhe ficava: com uma mão segura a um galho, a outra já intenta introduzir, onde supunha ovos ou pequenos passarinhos. Elle para cima mal podia olhar, pois que o sol

em cheio lhe batia sobre a face; e assim, tendo de baixo marcado bem o lugar da sua preza, um pouco voltado, introduz a mão.

Mas ah! que dor aguda sente logo, de animal que os dentes lhe ferrára; e foi tão violenta a dor sentida, que apóz um grito, os sentidos logo perde, e lá do alto em que estava desatinado larga o galho em que se agarra, falsea o pé, escorrega e cáe; e sobre algumas pedras, que perto da arvore estavam, tremendo baque levou. Qual besta bravia ferida pela mão do caçador, arquea no chão, dá urros, tenta erguer-se, e de novo cáe; assim por longo tempo sobre a terra, dando horribeis gritos, estrebuxa, depois da queda, o malvado rapaz, a quem cobra venenosa, que no ninho estava, ferrou-lhe os dentes; até que por acaso ali passando gente, em braços o conduzem para casa, pois que andar não podia; tinha quebrado uma perna, da pancada sobre as pedras, que do alto déra.

Desta vez, como vedes, caro custou-lhe o andar aos ninhos; e muitas dores soffreu por muitos dias que esteve de cama; e a não ser a perícia do habil cirurgião, que o tratára, estaria hoje sem aquella perna de que o vedes coxear.

Mas que? Não rides? Sim, o caso é serio; e estou bem certo, que apesar de saberdes, que isto foi uma justa punição da malvadeza do rapaz, estaes sentidos, que isto lhe succedesse. E assim deve ser, meus bons meninos, a compaixão é um nobre sentimento; e o homem deve compadecer-se mesmo dos males que sobreveem aos maus. O coração do christão deve ser piedoso, caritativo, e jamais sentir odio, e maus desejos, mesmo aos que do bem se tornam indignos.

(Continua).

O « Regenerador », a Religião e a Opinião.

III.

O Papa e o Congresso!

Que revolução nos espiritos! que gritos de alarma! que inquietações e que jubilos! que lagrymas e que consolações não excitou e excita ainda este pamphleto!

A importancia, não n'a tem em si, veiu-lhe de fóra, é toda accidental. Correu que Luiz Napoleão fóra o Espirito-Santo que o inspirára á La-Guerronière; que o escripto era official,

que o plano e as idéas partiram do Imperador; que era uma tactica, para prevenir os espiritos e nortear a opinião sobre as decisões que teria de dar o Congresso.

Accitemos o facto como nol-o dão, tenhamos mesmo por fundado e certissimo o rumor que corre sobre sua origem, discutamos as idéas capitaes do folheto, e veremos então si ha ou não calculada exaggeração da parte do *Regenerador*.

Qual é a idéa-mãe do Congresso e o Papa?

E', não a abolição total, mas a diminuição do poder temporal do Papa. Ora, esta diminuição como a quer o pamphleto, é tamanha restricção, que tira ao Papa a mais rara sombra de poder temporal. Como a propõe o escriptor, deixa o Papa de ter sob sua jurisdicção um territorio habitado por um povo que tenha nacionalidade, gloria, tradições, historia, familia, propriedade, direitos civis desinvolvidos ou direitos politicos constituidos. Deixa de ser *soberano*, na ordem temporal.

Assim, a idéa capital do pamphleto fica sendo, em definitiva, a abolição da soberania temporal do Sucessor de Pedro.

Eis a *tanta moles*, o espulho aguçado e venenoso que penetra as carnes e dilacera a alma do partido ultramontano.

Pois as Romanias hão de ser subtrahidas ao jugo (paternal poueo importa) do Sancto Padre? Pois as Marcas hão de se governar por si, escolher um governo que as administre, fazer leis suas e não obedecer sinão á sua vontade? Pois a Sancta Sé ha de perder tudo isto?

E ha de, n'um dia, n'um volver d'olhos, desabar o immenso e laborioso edificio, a obra secular dos Gregorios e dos Innocencios, da supremacia espiritual e temporal do Vaticano? Tantas luctas gigantesças, tantas illusões perdidas, tantos desenganos amargos, esforços tão constantes e multiplicados, submissões e humilhações tão servis, tantos territorios disputados palmo á palmo e de seculo em seculo com largos e pesados sacrificios de dinheiro, de dignidade e de tempo. . . e tudo baldado por um *sic volo, sic jubeo* do Imperador da França!

E' martyrio que não supportaria um segundo Christo! é o tetano corrompendo a ulcera que parecia cicatrizada! é precipitar no inferno o misero que sorrindo agarrava-se ás portas do ceu!

Comprehendo a dôr do ultramontanismo: lastimo-o, perdoo-lhe os desvarios; mas não legitimo perante a razão e a historia.

Longe de mim o abraçar, sem critica nem selecção, das propostas do *Papa e o Congresso*.

A independencia do Papa alimentado pelos Estados catholicos será sempre ephemera e irrisoria.

Ha até contradicção nos termos.

Uma vez que o Papa viva das contribuições dos Estados catholicos, viva de esmolas forçadas, averbadas no orçamento das potencias que o reconhecem seu chefe espirital, deixa de ser independente, sujeita-se á uma dependencia mesquinha e deploravel, porque é a dependencia do dinheiro, e não siquer da importancia moral ou puramente social, dos seus subordinados.

E pois, não considero solvido o problema por La Guernonniere, isto é, por Luiz Napoleão.

Collocando a questão no seu terreno primitivo, acho-a complexa: é do direito ecclesiastico, da historia, do direito publico, da politica e do direito internacional.

Não intento resolvê-la, fóra empenho superior ás minhas forças. Nem siquer elucidá-la depois de attento exame e maduro estudo; fóra de mister mais tempo desoccupado.

Apontarei muito simplesmente as questões que se prendem á idéa summa do pamphleto.

Depois de haver dicto: *Regnum meum non est de hoc mundo*, Jesus Christo se desdice, dando á Pedro as chaves do poder temporal?

Os Pontifices que as usurparam, os Imperadores que lh'o consentiram, em que direito se apoiavam para impunemente fazel-o?

E a consequencia não foi sujeitar-se, escravisar-se a Igreja ao Estado? Os Imperadores sempre foram mais habeis e dispuzeram de mais recursos do que os successores de S. Pedro.

A condição vital da independencia de Roma, hoje sobretudo, não é a permanencia das armas francezas na cidade eterna? E si não fórem as da França, serão as da Austria, ou mesmo da Sardenha, porque, incontestavelmente, os Estados Pontificios nenhuma importancia têm de si mesmos.

E qual o meio de tirar a cadeira de Pedro, a arca das tradições e dos dogmas catholicos, dessa dependencia abjecta, si não tirando-lhe o motivo e a necessidade da sujeição, isto é, o poder temporal?

O Papa não deve ter patria, é cidadão do mundo, sua missão é catholica, sua existencia deve ser catholica, seu paiz deve ser o universo, seus concidadãos os homens, suas leis

as leis naturaes, seus deveres os deveres do homem.

Responda o *Regenerador* á estas questões, que são as da actualidade.

O Papa tem querido responder; mas em vez de oppôr argumentos aos argumentos de seus contrarios, declama e pretende impôr com textos da Escripura que não dizem respeito á questão. Com effeito, os textos citados nas encyclicas de Pio IX recommendam todos a humildade, a paciencia nas tribulações, a compaixão pelos *impios*, isto é, pelos inimigos, da *fe*; mas nãa provam á favor da these de que se questiona.

O *Regenerador* accusa o virtuoso prelado da Igreja fluminense, o Sr. Bispo Conde de Irajá, de criminosa indiferença ácerca das magnas questões do dia.

Sou o primeiro á reconhecer a falta de energia, proveniente de molestias e desgostos de todo o genero, do Sr. Bispo do Rio de Janeiro; mas sua sabedoria, sua prudencia, seus altos talentos, nunca serão contestados, nem nunca o foram, mesmo por seus inimigos, si é que tão pacifico e tão sancto homem possa ter inimigos.

O Sr. Bispo do Rio de Janeiro sabe perfeitamente que não são as preces publicas que hão de decidir o Congresso europeu para esta ou aquella decisão. A questão que se move, é toda diplomatica; o Sr. Bispo do Rio de Janeiro nada tem que fazer com ella. Dirigirse ao Papa, scientificando-o dos sentimentos de adhesão da Igreja fluminense seria um acto de cortezia; mas significaria tambem uma negação do que fica dito: que a questão actual é da diplomacia, é da historia, e não dos esforços individuaes ou collectivos dos assistentes ao solio pontificio.

Louvores ao Prelado esclarecido que ousa affrontar as iras dos ultramontanos pelo reconhecimento da sua missão, dos seus direitos e dos seus deveres.

Louvores ao sancto Bispo que ousa permanecer em prudente silencio, para não comprometter sua razão, para não comprometter seu rebanho, para não comprometter sua patria.

E' o homem das velhas tradições da Igreja, é o collega dos primitivos bispos, é o discipulo do Christo como foi instituido pelo Christo, como o Christo quer que elle o seja.

O Sr. Bispo do Rio de Janeiro labora, á hora presente, nos padecimentos de longa enfermidade. Si acontecer-lhe fechar os olhos

para o tumulto, pôde repousar a mão no seio, e dizer com a mais sincera convicção :

Maret immota fides!

S. Paulo, 20 de Abril.

† †

ACTA

DA SESSÃO MAGNA DE ENCERRAMENTO DO
INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO
AOS 20 DE OUTUBRO
DE 1859.

Presidencia do Sr. Cactano Xavier.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes grande numero de socios, o Sr. Presidente abre a sessão.

E' lido o relatorio dos trabalhos do anno findo, apresentado pelo Secretario Geral.

O orador do Instituto, Sr. Nabuco de Araujo, apresentando o quadro dos trabalhos e dos obstaculos, que o Instituto Academico encontrou, e que teve de vencer antes da sua installação e no primeiro anno da sua existencia, espera que as flôres, que perfumam com seu aroma a sessão de encerramento, se não transformem em goivos e perpetuas desfolhadas por mãos piedosas sobre a jovem Associação, que deve merecer dos Academicos todo o apoio, e sim que antes sejam o symbolo de sua vida futura, cheia de seiva e de beneficos resultados.

Em seguida os oradores—do Ypiranga Sr. Gomes de Menezes, do Atheneu Paulistano Sr. Carneiro de Mendonça, do Culto á Sciencia Sr. Araujo Véga, em nome das Associações que representavam, em mimosos e singelos discursos, saúdam o Instituto, desejando-lhe longa vida, animando-o a continuar em sua missão, porque os seus triumphos terão sempre um echo em seu seio.

O Sr. Timotheo Pereira da Rosa, prestes a deixar a vida academica, ao dizer o adeos de despedida ao Instituto, dá-lhe os mais sinceros parabens pelos triumphos obtidos, quando em sua installação só se lhe predizia um futuro triste e mesquinho. Muito ainda tem que lutar a Associação, porém confia que todas as difficuldades serão vencidas, e que a descrença dos Academicos para com o Instituto desapareça em pouco tempo, porque o que já se fez merece encomios.

A Secção do 5º anno, diz o orador, não funcionou regularmente, e assim poucos fructos produziu, porque muitos foram os in-

convenientes, e porque seus membros mais proximos a entrarem na vida positiva, nem sempre tinham vagar para se deixarem embalar pelo entusiasmo, que deve incitar o Instituto. E' esta a desculpa do 5º anno, que por sua vez envia a sua despedida, e seus votos de sympathia por uma Associação, cujo desenvolvimento não poderá acompanhar.

O Sr. Couto de Magalhães, ao fechar-se para elle a vida academica, pela ultima vez quer lembrar ao Instituto algumas cousas, para lhe mostrar seus progressos, e dizer-lhe que um só instante não fraqueie em sua vida, porque si os primeiros boatos foram máos, hoje os desmente a vida do Instituto, vida que é preciso que a mocidade conserve. E porque? Porque, diz o orador, a Patria reclama esses cuidados desde já, porque a mocidade deve buscar na sciencia os meios de curar-lhe os males, que são grandes e muitos, como se vê no mais rapido olhar sobre o estado do Paiz. As riquezas abundam em nosso solo, porém a penuria enche as cidades, e a fome se faz sentir em mais de uma provincia. O magistrado vive a custo, e á sua familia só lega um nome honrado e a miseria, sem ter gozado na vida a independencia que lhe competia, porque tudo se lhe tem negado.

A par do estudioso, do homem da sciencia, vê a ironia do estulto, do indifferente que parece não cuidar no futuro.

A par da liberdade, a escravidão manchan-do-lhe as candidas vestes.

Ao mesmo tempo o povo se move, e faz sentir surdo rumor, que é preciso brandamente abafar-se.

Traçando esse quadro, seu fim é mostrar que esses males devem ser remediados pela nova geração, que na sciencia deve buscar os meios de combater a penuria do povo, instruil-o e fazer sentir o que é o magistrado, e qual o respeito e prestigio que deve ter.

Além do Paiz, a humanidade reclama tambem os seus esforços e sacrificios, porque o futuro será do Brasil, que será o representante de todas as grandes idéas humanitarias, como os Estados-Unidos o será do calculo e interesse.

Assim todas as esperanças do Paiz, repou-sando sobre a mocidade, esta deve applicar-se ao estudo, e nunca deixar morrer o Instituto, de quem elle guardará sempre a mais grata recordação, assim como do seu generoso fundador o Sr. Dr. Ferrão.

O Sr. Dr. Ferrão, em extremo commovido, agradece as provas de amizade, que lhe têm

dado todos os Socios, e a dedicação com que o têm ajudado nos trabalhos do Instituto.

O Sr. Cactano Xavier, em consequencia de findarem seus estudos academicos, com saudade se despede dos Socios do Instituto, promettendo, mesmo de longe, lembrar-se de tantos amigos e companheiros litterarios.

Nada mais havendo a tratar-se, o sr. Presidente levanta a sessão, ás 8 1 2 horas da noite.

O Secretario Geral,

Emilio Valentim Barrios.

A imprudencia produz só males.

SUCCESSO VERIDICO.

Depois de haver brillado em todo o seu resplendor o astro do dia, apressadamente demandava o seu occaso.

Os telegraphos da barra e porto da cidade de S. Luiz, annunciavam um navio com bandeira portugueza, que se approximava.

Ligeiras nuvens começaram a obscurecer o firmamento; e um desses pouco duradouros, porém impetuosos bulhões, tão communs em certas estações lá para o equador, se annunciou.

Apoz os tufões do rijo vento, copioso aguaceiro cahiu por algum tempo.

De novo a atmospherá foi sendo dissipada do opaco véu, que por algum tempo occultou a sua transparencia.

As aguas, porém, do oceano continuaram em grande agitação; e o sol dando seus ultimos lampejos, de todo se sumiu.

*

Por causa do pequeno temporal teve o navio que se dirigia ao porto, de lançar ancoras ao fundo fóra da barra; mas grado, porém, a sua distancia, e a hora em que da terra começou a ser visto, soube-se logo d'onde vinha e o seu nome; pois era ali bem conhecido, e por esses tempos esperado.

A noute, posto que sombria, estava serena, continuando apenas o mar em agitação.

Com os primeiros signaes feitos da fortaleza, um jovem se dirige á rampa, contando com a breve entrada do barco, em cujo bordo esperava viesse pessoa que lhe era cara.

Os successos já referidos o fizeram impaciente retardar seu passo.

A noute se adiantava, e o mesmo jovem e

mais dous, como elle cheios de vida, na flor da idade, entram em uma pequena canôa com dous pretos que a remassem.

Cheios de vida e incendidos pelo affecto, lá vão no seu fragil barquinho, menoscabando a opposição das ondas em direcção á barra.

Temeridade só propria da affouteza juvenil!

A canôa atravessa o longo porto, singra a barra, e apesar dos embates das ondas furiosas, se aproxima ao navio, encosta, e a salvamento os tres jovens lhe entram pelo portalló.

Descrever as scenas que a isto se seguiram a bordo do navio portuguez, seria pretender reproduzir com a penna esses transportes e doces effluvios da alma, que somente um impulso natural faz manifestar ao homem em momentos de prazer.

Os primeiros momentos foram gastos em transportes de alegria; era um irmão que estreitava em seus braços a querida irman, e quem a tanto já não via; era um amigo com o coração sorrindo de prazer, dando expansão aos seus affectos entre amigos, que de longes terras vinham; eram compatriotas, que fraternalmente se saudavam com cordial enthusiasmo.

Ao geral contentamento seguiu-se em breve agourento temor.

Feitas as suas saudações, e fruido que foi tanto prazer, os tres temerarios jovens querem de novo confiar-se á mercê das ondas em seu fragil batel.

Não houve supplica, razões não houve que os detivessem; todos de bordo se empenharam em dissuadir-os de voltar para terra, em noute tão escura, com mar tão bravo, e em canôa tão mal segura.

A tudo surdos, só ouvidos prestaram ás vozes dos seus imprudentes designios.

Confiam-se de novo ao doudejante barco com os seus dous remadores, saboreando ainda os effluvios e arroubos de lá pouco; mas deixando toda a gente do navio cheia de cuidados por tanta temeridade, que converteu o prazer, que tinham dado, em temores, sustos e ancias.

Despedem-se, e lá se vão com esperanza de que na manhan seguinte outra vez se abraçariam.

Ora de sobre elevada onda, saúdam ainda os entes tão queridos de quem acabavam de separar-se; agora pela retracção da vaga se viam lá em baixo, como lançados em um abysmo. Já impellida para um lado, parecia ser a canôa arrojada sobre os rochedos; e já

atirada para o outro, ficava n'um centro de espumantes vagas.

Um terço do caminho está vencido, e nisto que do porto se approximam, tredo vendo o chapéu de um ás aguas lança.

Mais ebrio de prazer que conscio do perigo, intenta o jovem o chapéu das ondas agarrar.

Com o movimento que fez, o roliço barco é virado, e os que nelle vinham são lançados ao mar.

Oh ! momento fatal, horrivel scena !

Dous dos jovens, quasi ao mesmo tempo, foram submergidos ; um apenas ajudado por um dos remadores, ainda por algum tempo tentou prolongar a vida, mas chegada tambem era a sua vez ; e em uma grande vaga que o envolveu, sumiu para sempre ! Sómente os dous remadores, e á grande custo, alcançaram chegar á praia.

Freire.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 38.)

Se eu vos perguntar, leitor : Esta moça amará o meu amigo com todas as forças do seu coração ? Por elle fará todos os sacrificios que uma mulher pôde fazer por um homem ?

Se me responderdes que sim, continuai a ler esta historia : se, porém, me responderdes que não, então largai este livro, elle não foi escripto para vós.

Sensibilisemos o quadro.

Sobre um leito jaz uma enferma. Sua vida se debate entre dôres horriveis, seus gemidos echoam dolorosamente no peito dos assistentes. Alguns passos distante deste lugar de dôr uma mulher se recosta voluptuosamente nos braços de seu amante: Seu rosto está pallido, essa pallidez, porém, não é a da dôr, é antes o fogo da lascivia que lhe desmaia as faces incendiando-lhe o sangue nas veas. Ella geme ao estreitar de seu amante, e a esse gemido responde outro gemido que vem do quarto da moribunda... que motivo tão diverso os fazia exhalar?... Era a agonia da morte respondendo á agonia do amor... E essa mulher que parecia insensivel ao gemer pungente da enferma era a sua propria filha... E', talvez, horrivel. Cuidar de amores quando sua mãe gemia pendente entre a vida e a morte... quando, de repente talvez, exhalasse o derradeiro suspiro sem vel-a, sem ter a consolação de, nessa hora solemne

e terrivel, dizer-lhe o ultimo adeos e abençoal-a... porque a sua filha unica, o seu amor do passado, a creatura que mais lhe occupava o lugar de affeição abandonava-a moribunda, despresava suas ultimas caricias para ir no silencio, no mysterio receber os carinhos do seu amante, deleitar-se nos encantos de seus amores... E' talvez horrivel. E' desmaiar na voluptuosidade d'um gozo sobre o chão aonde, em breve, talvez se abrisse um tumulo para receber o cadaver de sua mãe...

O ente que assim ama não pôde mudar, nem desligar de tal affecto. Paixão de tal natureza está presa a uma cadêa indestructivel, a uma cadêa cujas extremidades foram encravadas por Deos uma na vida e outra na morte. Esta cadêa poderá bambear ás tempestades do coração, porém jámais romper-se.

Portanto o meu amigo ou estava louco, ou mentia quando disse que esta moça perjurarã; ou então alguma cousa se passára de que elle não teve conhecimento, ou se teve não m'o quiz revelar.

Quando o meu amigo referio-me esta passagem da sua vida não pude deixar de meditar sobre a força do amor, desse sentimento capaz de fazer do homem um symbolo de virtude ou de crime. Pareceu-me tambem estar ouvindo um conto phantastico. O meu amigo porém é pouco amante de historias imaginarias. E' um desses homens que quando amam é com phrenesi, desses homens que resumem a existencia n'uma idéa—a mulher querida, e marchariam ao seu encontro pouco se importando que o caminho os conduza ao ceu ou ao inferno.

Ora, a sua joven amante tambem pensava assim : portanto elles deveriam se amar profundamente.

Havia a mesma impetuosidade, a mesma sede ao solverem a taça do amor : elles reconheciam um sacrificio, e se achavam com animo de o praticarem.

Havia, emfim, uma harmonia intima entre seus pensamentos, desejos e esperanças : portanto suas almas deveriam facilmente se fundir uma n'outra.

Dir-se-hia que a fatalidade impellia estes dous entes ao encontro um do outro ; ou que suas almas se reconheciam depois de separação longa e carpida.

(Continúa.)

VARIEDADE.

FECUNDIDADE DE ALGUNS ESCRITORES.

(Continuado da pag. 39.)

O italiano Ferreri compôz, em tres dias, um poema latino (*Lugdunense Somnium*) de mil versos exámetros sobre Leão X.

Em sete dias de trabalho escreveu Erasmo o seu *Elogio da loucura*.

Chapman, poeta inglez, traduziu em quatro mezes os ultimos doze livros da *Illiada*.

Gaillard Danville, gendarme da rainha, auctor da *Castidad*, poema heroe-comico (1624, in-12) teve o cuidado de noticiar ao leitor que começou esta obra em uma viagem pela Styria, e que a terminou indo de Baviera para França em serviço do rei. Gaba-se de ter chegado a compôr 900 versos em doze dias, sem por isso esquecer-se das suas outras occupações.—Para um gendarme não andou mal.

Voltaire, na idade de sessenta e nove annos, em 1763, fez a tragedia *Olympia*. «É tarefa de seis dias», escrevia elle a um de seus amigos, de quem queria saber o juizo ácerca da peça. «O auctor não deveria ter descançado no setimo», respondeu-lhe seu amigo.

Maria Darby, celebre actriz ingleza, fallecida em 1800, compoz em doze horas um poema de 350 versos, intitulado: *Assim vae o mundo*.

Dois theologos do quarto seculo, Dydimio e Theodoro de Mopsueste, deixaram o primeiro seis mil, e o segundo dois mil volumes.

As obras de Alberto o grande (finado em 1280) publicadas em 1651, formam vinte e um volumes in-folio. O *Spectaculum majus*, de Vincent Bouvais, compõe-se de dez volumes in-folio.

A chronica de Hornek, historiador allemão, do decimo terceiro seculo, contém oitenta e tres mil versos. O éstro deste chronista rivalisa com o de Hérmín, auctor do poema a *Illusão*, em cem cantos.

Sagouthi, auctor arabe do seculo decimo quinto, legou mais de sessenta obras sobre diversos assumptos.

Tiraqueau, segundo diz Byle, tinha tomado tanto a peito augmentar o numero dos habitantes da terra, como o dos livros.

O padre Macedo, franciscano portuguez, do decimo seculo, é auctor de 53 panegyricos, 60 discursos, 32 orações, 123 elegias,

115 epitaphios, 212 epistolas de dedicatorias, 700 cartas, 2,600 poemas epicos, 110 odes, 3,000 epigrammas, 4 comedias latinas, duas tragedias, uma satyra em hespanhol.

MUSICIANEA.

Miss Billington, *prima-donna assoluta*, foi retratada pelo pintor Reynolds sob os traços de uma Santa Cecilia, com os olhos postos no céu e ouviudo um coro de anjos que occupava a parte superior do quadro. Kaydn entrava, quando Reynolds acabava o retrato. Miss Billington perguntou-lhe o que pensava do quadro.

—Está parecido, respondeu o *maestro*; mas noto-lhe um defeito.

—Qual? perguntou a cantora, temendo que Reynolds se offendesse com a restricção do critico.

—O pintor, continuou Kaydn, representou-vos ouvindo a musica dos anjos, quando devera pintar os anjos ouvindo vossa voz encantadora.

Commovida por tão lisonjeiro cumprimento (ajunta o escriptor d'onde extrahi esta anecdota), a bella cantora estendeu os braços e depoz sobre a bocca do divino velho um beijo radioso.

Uma noite que se representava no theatro das Tuileries o *Romeo* de Zingarelli, Crescentini cantou de um modo tão tocante a bella aria *Ombra adorata* que Napoleão ficou commovido até chorar. Para reconhecer dignamente o prazer que lhe tinham feito experimentar, o Imperador mandou á Crescentini a ordem da Corôa de Ferro. Este acto de munificencia espantou um pouco aos corteãos; o que fez dizer á M.^{me} Grassini, para desculpar seu camarada: *Poveretto! gli costa caro*. (Coitado! custa-lhe caro.) Isto conta Scudo.

MOSAICO.

O professor Mezzofanti, de Bolonha, que ainda ali vivia em 1825, fallava 32 linguas entre mortas e vivas. Mezzofanti endoudeceu em 1832 e misturava todas estas diversas linguagens nos seus discursos. Entre outras fallava a lingua dos ciganos, que elle affirmava ser um dialecto dos Parias do Indostão.

O ROMANCE DE UM MOÇO RISO.

(Continuado da pag. 40.)

COND. — Prima, não! contraparente... uma mulher que passou noventa e dous annos uma vida quasi miseravel...

GRA. — Dizia-se, com effeito, que ella era muito pobre...

CONDES. — Tambem não sei porque razão inculcava ser nossa parente...

SIM. — (A' parte.) Esta é boa!

GRA. — Pois essa senhora é morta, sra. Condessa...

CONDES. — Já o sabia.

SIM. — Sua oração funebre limita-se a estas palavras: morreu deixando uma fortuna de dous milhões de cruzados!...

GRA. — Tim-tim por tim-tim.

D. FRAN. — Dous milhões de cruzados!

CONDES. — Pois essa boa e chorada mulher possuia dous milhões de cruzados!

SIM. — Já agora é chorada. (Alto.) Sim: dous milhões duzentos e vinte oito mil setecentos noventa e oito réis.

GRA. — Salvo erro ou omissão.

CONDES. — Porque não nos dice v. s.^a isso ha mais tempo?

GRA. — Porque sou muito acanhado, minha senhora... e...

SIM. — E tanta cousa... engasgava-o.

D. FRAN. — Falle, falle, sr. tabellião.

COND. — Sim: continúe.

GRA. — Viuva na idade de sessenta annos, a ex.^{ma} sra. D. Juliana Francisca Maria Josepha de Lencastre e Ayila... que Deos tenha na sua santa gloria... herdou de seu defunto marido uma pequena fortuna; mas, como passou uma vida de privações, essa fortuna augmentou em poucos annos...

SIM. — Os juros accumulados augmentam consideravelmente.

CONDES. — Conclúa, sr. tabellião.

GRA. — No seu leito de morte a santa mulher mandou-me chamar e lembrou-se de seus parentes...

CONDES. — Que boa senhora, que alma generosa!...

SIM. — (Baixo.) Já estão enternecidos. (Alto.) Mas parece que enganou-se, porque não lhe assistia o direito de dizer-se da nobre familia da sra. Condessa.

CONDES. — O sr. não sabe o que está dizendo: conclúa, sr. Graça.

GRA. — Sim: lembrou-se dos seus contraparentes...

COND. — Seus contraparentes, não! a sra.

D. Juliana d'Avila era sobrinha de meu avô.

D. FRAN. — E por conseguinte sua prima.

SIM. — (Commovido.) Pois bem, sra. Condessa, a vossa parente é morta!

CONDES. — Pobre mulher!

COND. — Boa e presada prima!

SIM. — Estão inteiramente enternecidos e quasi chorando! olha que trataentes! (A' parte.)

CONDES. — E foi a nós que deixou essa immensa fortuna?

GRA. — Sim, minha senhora, ao sr. d'Avila.

CONDES. — A meu marido!

COND. — A mim!

D. FRAN. — (Aperta-lhe a mão.) Animo, meu amigo!

COND. — Hei de tê-lo.

SIM. — (Ao Conde.) Sim, ao sr. Fernando d'Avila...

CONDES. — A Fernando d'Avila!

GRA. — Sim, minha senhora.

COND. — A meu irmão!

CONDES. — A elle!?

D. FRAN. — Ao Visconde d'Avila!

SIM. — Ao Visconde, sim! (A' parte.) Não gostaram da noticia? — estimo muito.

COND. — Elle? herdeiro universal!

CONDES. — Herdeiro de dous milhões!...

SIM. — E duzentos e vinte oito mil setecentos noventa e oito réis, fóra os quebrados.

GRA. — Avalio a alegria de que somos portadores.

SIM. — É verdade.

GRA. — E estimo muito não ter mandado o escrevente só.

CONDES. — (Depois de trocar algumas palavras em voz baixa com D. Francisco e com o Conde.) Sr. Graça...

GRA. — Sra. Condessa...

CONDES. — Tenho um favor a pedir-lhe...

GRA. — Estou ás ordens de v. ex.^a.

CONDES. — Posso contar com v. s.^a?

GRA. — Menos para o que dicer respeito aos meus deveres de tabellião publico.

CONDES. — E si se tratasse desses deveres?

GRA. — (Com timidez.) Deixar-me-hia matar primeiro do que faltar a elles.

SIM. — (Baixo.) Muito bem, patrão!

CONDES. — Traquillise-se, sr. Graça. Trata-se apenas de uma pequena demora. Descemos, ou antes, queremos que a noticia dessa herança seja communicada por nós ao Visconde, em occasião conveniente.

(Continua.)